

colega Capistrano de Abreu (redator da *Gazeta de Notícias*), que tinha apresentado uma tese brilhante, estava entre os concorrentes. Quando cheguei ao Colégio, às 10 horas da manhã, o Imperador ainda não estava lá, e assim, depois de ter sido apresentado ao reitor, conselheiro Carmo, e a diferentes professores, dei uma vista-dolhos na parte acessível do estabelecimento. (...) Às 10 e um quarto apareceu o Imperador, como sempre de casaca e com a grande placa do Cruzeiro. Os professores estavam também de casaca e os mais graduados de entre eles traziam as suas condecorações. O Imperador entrou na sala de exames, peça ampla e simplesmente mobiliada, com assentos para o público e saudou aos presentes de forma cortês, feito o que sentou-se no meio da mesa verde dos examinadores. À sua direita sentou-se o Diretor Geral da Instrução, Bandeira Filho e à sua esquerda o reitor do Colégio, conselheiro Carmo. Ao lado desses dois senhores se alinharam os examinadores, os doutores Matoso Maia e Moreira de Azevedo, assim como o meu amigo Silvio Romero. Os demais professores do Colégio, que assistiam ao concurso tomaram lugar numa fila de cadeira atrás dos examinadores, e logo que isto se deu o Imperador deu início ao concurso. Primeiramente apareceu o meu amigo Capistrano de Abreu, que tomou lugar em sua pequena mesa e teve de defender sua tese. Ainda se pratica aqui o velho sistema de defesa de tese; por melhor que elas sejam os examinadores são forçados a atacá-las, (frequentemente contra as suas melhores convicções), a fim de que o examinado possa defender as suas proposições. A tese de Capistrano, que trata com verdadeira mestria e grande saber do descobrimento do Brasil e do seu desenvolvimento no século XVI, era sem dúvida a melhor e tão excelente que ia muito além dos horizontes dos dois limitadíssimos examinadores Moreira de Azevedo e Matoso Maia. Se o meu amigo Silvio, que também pertencia à comissão, tivesse examinado, a coisa teria corrido de outra maneira. Mas foi um verdadeiro exemplo de dois examinadores ignorantes e intelectualmente limitados, aos quais o examinando superava de longe, e que, por isto, com êle se chocavam e se comprometiam a cada momento. Eles faziam as mais extraordinárias e, por vêzes tôlas objeções à tese do talentoso jovem, e via-se claramente que o Imperador se aborrecia com a incapacidade dos examinadores. O candidato bateu-os em tôda a linha e brilhou realmente à custa dos seus arguidores. Cada um deles examinou desta forma nada menos que satisfatória, cêrca de meia hora, e assim que a hora tinha corrido o Imperador deu o sinal para cessar a brincadeira cruel." *

Silvio Romero, que serviu como juiz, ficou tão envergonhado que durante muito tempo resmungou face o sucedido.

(*) *Imagens do Brasil*, tradução de Afonso Arinos de Melo Franco, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1943, págs. 109/110.

Nomeado professor do Imperial Colégio D. Pedro II, pediu exoneração do cargo de oficial da Biblioteca Nacional. Aos amigos teria afirmado:

— Vou estudar História do Brasil

Contam que na hora da nomeação, levaram a D. Pedro um outro nome que não o de Capistrano. D. Pedro estranhou. Expli-caram-lhe que o primeiro colocado não tinha casaca para dar aula e que, por pouco, os contínuos o haviam impedido de entrar no prédio da escola no dia do concurso, pois o julgavam um impostor, dizendo-se candidato. O Imperador, diante de tão inconsistente argumento, mandou que se modificasse o ato e nomeou Capistrano, o que obtivera, com larga margem de superioridade sobre todos os concorrentes, o primeiro lugar.

Capistrano exerceu o magistério até a reforma feita no governo Epitácio Pessoa, em que a História Pátria foi anexada à cadeira de História Geral. Colocado em disponibilidade, pois que dissera não poder lecionar História Geral, por ser especialista apenas em História e Geografia do Brasil.

O professor F. A. Raja Gabaglia, em conferência que pronunciou no dia 26 de novembro de 1937, sob o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura, e publicada em dezembro do mesmo ano no *Jornal do Comércio*, dá-nos seu importante testemunho:

“Como professor, Capistrano de Abreu, ao qual faltavam os dotes oratórios, era um mestre pelos seus predicados de bondade e saber. Foi o orientador seguro de estudiosos de duas gerações: a de seus companheiros e a de seus discípulos. Alma generosa, congratia-se Capistrano em espagir os tesouros de sua erudição e do seu elevado cabedal científico dessa generosidade e revelador de sua modéstia horror ao reclame, está nas inúmeras traduções que fez por vêzes anônimamente e sempre melhorando o original e quase sempre o dizer.

O professor é inato em Capistrano, uma vez que se empreste a esta nobre e árdua função alguma coisa mais do que a de mero prelecionador ou simples apurador, mais ou menos mecanizado, de provas, testes ou sabatinas. Foi um Mestre na acepção mais alta do vocábulo e, assim, sua atividade magistral não se limitou ao nosso Pedro II. Foi mais longe e, à feição desses tipos europeus que fazem de suas cátedras um centro de irradiação, o núcleo de uma doutrina ou de uma escola. Capistrano de Abreu é o renovador da nossa história e abriu veredas novas aos mais interessantes estudos brasileiros: corografia, linguística indígena, estudos aborígenes, folclore.”

Pela amplitude de seus conhecimentos, pela clareza com que sempre expôs suas idéias, pelo desejo que sempre teve e objetivou de orientar, ajudar, os que dêle se aproximavam, Capistrano foi,

não só no Pedro II, mas onde se encontrasse e durante toda sua vida, um grande professor, um mestre notável.

O PREGUIÇOSO

Seria mesmo Capistrano um preguiçoso?

Há homens que adquirem certa fama que os acompanha durante a vida e após a morte. E tanto determinadas coisas são repetidas que acabam adquirindo foros de verdade. Verdade monolítica. Eterna, ou quase eterna.

A preguiça de Capistrano corre parrelha com sua decantada falta de asseio. A esta já nos referimos, citando páginas de insuspeito testemunho, escritas por Gilberto Amado.

E da sua preguiça? Ele mesmo dela falava constantemente. Mas teria sido, mesmo, um preguiçoso?

Podia não gostar de escrever muito, mas isto é outra coisa.

Um preguiçoso jamais poderia aprender o que ele aprendeu, não pela rama, superficialmente, mas profundamente, com a segurança de quem sabe, e, além disso, sabia bem algumas línguas, entre elas, latim, alemão e grego.

Assis Chateaubriand que com ele conviveu longamente e quase que diariamente, em artigo publicado n' *O Jornal* (1927) atesta:

“A cultura de Capistrano de Abreu era alguma coisa de salomônico. Ele sabia tudo, história, filosofia, direito, poesia, economia política, medicina, sociologia, moral, e os seus conhecimentos de todas essas disciplinas não eram noções amalgamadas às pressas, adquiridas pelo prazer de aparentar idéias, mas cultura, cultura no sentido verdadeiro da palavra, isto é, coisas aprendidas e investigadas no sentido vertical, ou melhor na sua maior profundidade. Possuo em minha biblioteca, dadas por ele, as *Instituições* de Georg Puchta e as de Sohm, que foram uma e outra presentes seus, há dez anos atrás. Uma noite, em 1917, descendo de Santa Teresa, da casa do meu mestre e amigo Pires Brandão, o acaso levou a nossa conversa para o terreno do direito de propriedade no norte, e principalmente acêrca do direito de superfície sobre coqueiros, que ainda encontramos em certas praias do nordeste. Era um tema especializado, que eu conhecia através de uma memória de Waechter, na qual o mestre alemão abordou o direito de superfície sobre as árvores, que já conheciam os romanos, e cujos vestígios se me depararam no litoral nordestino. Capistrano, que não era bacharel em direito, versou o assunto com uma erudição e uma penetração que me assombraram. Descobri dentro dele um romanista. Dois dias depois passava em Copacabana onde eu morava e deixou-me de presente os volumes a que acima aludi. Vi pelas conversações em que se demorou comigo que o direito romano lhe era quase tão familiar como a história. Conteí depois o caso ao